

A cidadania em uma escola adotada

Seguradora da Caixa Econômica Federal lança projeto em Ceilândia e assume a educação de 160 alunos carentes durante dez anos

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Uma chance para quem, a rigor, não teria nenhuma. Dessa forma, a vida de 160 adolescentes carentes entre 13 e 16 anos poderá tomar outros rumos. Na pior das hipóteses, eles passarão a perceber a si mesmos e ao mundo que os cerca. Verão que muito além da região carente e violenta onde vivem pode haver um lugar para eles. Compreenderão que definitivamente o mundo ainda é maior do que a imensa Ceilândia.

E não foi necessário mágica ou idéias mirabolantes para que esses jovens tivessem, enfim, uma oportunidade. Precisou apenas força de vontade e determinação em fazer.

Os alunos da Escola Classe 38 do Setor P Norte de Ceilândia poderão comprovar isso. Por meio de um projeto educacional, a Companhia Nacional de Seguros Sociais (Sasse) da Caixa Econômica Federal adotou a escola, por um período de dez anos, e começará na próxima segunda-feira a executar o que ela chama de projeto-piloto ou "primeiro diagnóstico".

Com o apoio da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Secretaria de Educação e Fundação Educacional do Distrito Federal a Sasse implantou o projeto *Empresa Amiga da Educação — Se Liga, Galera!*

A parceria na adoção foi prática e com papéis bem definidos. A Sasse entrou com os recursos financeiros, recuperando toda a estrutura física da escola, que estava completamente destruída. A UnB e o Governo do Distrito Federal participam com o apoio técnico educacional.

Dos 1,3 mil alunos da Escola Classe, 160 (da 3ª a 6ª série) foram escolhidos por meio de pré-seleção interna, onde foram avaliados critérios como faixa etária, desempenho e disponibilidade para frequentar os cursos. Os 160 alunos ficarão divididos em grupos de oito, sob a coordenação de 40 universitários da UnB.

As aulas serão realizadas em horários opostos ao turno regular (duas vezes por semana) e os estudantes aprenderão temas como o Estatuto da Criança e do Adolescen-

te, prevenção às drogas, sexualidade, meio ambiente, mercado de trabalho, cultura negra e indígena e cidadania. Tudo com a participação de especialistas.

Caberá aos estudantes da UnB (que passam a ser mobilizadores sociais) a monitoração do trabalho. Cada mobilizador receberá uma bolsa no valor de R\$ 130 pago pela seguradora, que investiu cerca de R\$ 500 mil na concretização do projeto.

IDEALIZADORA

O projeto *Empresa Amiga da Educação* não nasceu em reuniões intermináveis em gabinetes acarpitados. Muitas vezes sem praticidade, alcance social e engavetados por pura falta de interesse. Foi idéia da pesquisadora e jornalista Liana Maria Mühlberg, do Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam), uma organização não-governamental. A Sasse tomou conhecimento do projeto e contratou a pesquisadora para coordená-lo.

"Na verdade, o que precisa é sensibilizar o empresariado nacional para o problema da educação", avalia Liana Maria. Ela conta que empresários da Bahia e Minas Gerais já entraram em contato com a Sasse e pretendem adotar o projeto nas escolas públicas de suas cidades.

Sobre a escolha da Escola Classe 38 do P Norte, Liana explica: "Foram levadas em conta as características do lugar, o fato de ser desprivilegiado socialmente e o perfil da direção da escola."

E o dia de ontem foi muito especial para a escola. O governador Cristovam Buarque — juntamente com o presidente da Sasse, Pedro Pereira de Freitas, o secretário de Educação, Antônio Ibañez, políticos e empresários — inaugurou oficialmente o projeto.

Escola limpa, discursos pró educação e muitas salvas de palmas. "O Distrito Federal acordou para a educação. Estamos fazendo mais do que simplesmente construir escolas", avaliou Cristovam. "Participar de um evento como esse me deixa emocionado e orgulhoso", disse o presidente da Sasse. O aluno Bruno Feliciano Pereira da Silva, de 12 anos, agradeceu, emocionado: "A gente precisa de incentivo."

Raimundo Paccó



O governador Cristovam Buarque participa com crianças do lançamento do projeto da Sasse, que reformou a Escola Classe 38 do Setor P Norte de Ceilândia

Lanche, bandeira e hino nacional

Todos os alunos receberam boné e camiseta azul — a cor da Caixa Econômica Federal, madrinha da escola. Era dia de ficar comportado, enfileirado. Era dia de cantar o Hino Nacional. Hastear a bandeira, que há muito não via a luz do sol. O governador visitaria a escola. Era dia de comer cachorro-quente e tomar refrigerante de graça. Podia até repetir.

Mas, na verdade, bem poucos alunos sabiam o que significa o tal projeto *Empresa Amiga da Educação*. "Eu não sei direito, mas parece que a gente vai aprender muita coisa importante", disse a aluna da 5ª série Fabiana De Paula, 14 anos. "Eu não fui escolhida, mas gostaria de participar. Me disseram que a

gente vai estudar sobre temas que não vê em sala de aula e no final escrever até um jornalzinho", lamenta Verônica Pinheiro da Silva, 14 anos.

Radiantes estavam as amigas da 6ª série Silvia Brito, 14, e Fabiana Batista, 15. Ambas foram escolhidas na avaliação interna da escola para participarem da primeira turma do projeto-piloto. "Tenho certeza de que vai mudar muita coisa aqui na escola", reflete Silvia. "Tem coisas que não pergunto em sala de aula porque tenho vergonha", emenda Fabiana. Cleiton Pereira dos Anjos esquivou-se: "Cidadania? Já ouvi falar mas não sei o que significa."

A professora de Ciências e Biologia, Elaine Gonçalves, concorda:

"Sexualidade, por exemplo, é um assunto muito delicado. E é uma das principais dúvidas dos adolescentes. Em casa, os pais não comentam; na escola, os estudantes se envergonham e não perguntam. Com certeza esse projeto vai nos ajudar muito."

ORGULHO DE PAI

A auxiliar de educação Maria Jacinta Gomes vibra: "Essa escola nunca mais será a mesma." A diretora Mônica Pereira Neves torce: "Espero que os empresários adotem outras escolas de Ceilândia. Os estudantes carentes precisam desse apoio."

Enquanto isso, do lado de fora da escola, olhando por um buraquinho

do portão — a segurança não permitiu a entrada deles — pais orgulhosos espremiavam-se para ver seus filhos "perto das autoridades". "Meu filho contou que a escola vai mudar muito. Nunca vi ele tão animado", comemora a mãe do garoto Wilmer, Fátima Araújo.

Em meio a discursos de praxe, um aluno interveio e pediu uma quadra de esporte para o governador. "Vou mandar construir, mas quero que você, junto com seus colegas, complete a frase 'Se liga, galera' e me dê cem motivos", respondeu Cristovam. Depois, exemplificou: "Se liga, galera, contra as drogas." Os alunos da escola adotada vibraram. Palmas e pulos foram a resposta ao desejo realizado. (MA)